

de Deus! Ajudai-me neste angustioso transe. Creio agora na vida triunfante e imortal!...

A progenitora, todavia, não apareceu.

E ante o olhar esgaseado do infeliz, surgiu devoto enfermeiro da espiritualidade que respondeu solícito:

— Acalma-te para exames necessarios. Não chamas tua mãe. Depois de imensos sacrifícios, esperando mais de trinta anos pela resposta de tua alma iludida e ociosa, ela mereceu a benção de Deus em tarefa superior e diferente. Como vês, Botelho, agora é muito tarde...

QUANDO FELISBERTO VOLTOU

Desde muito tempo, Felisberto Maldonado fizera-se espirituista de convicção profunda, quanto a raciocínios; não pudera, porém, compreender a extensão dos deveres que a doutrina lhe trazia, quanto a sentimentos.

A reunião íntima no grupo doméstico, onde o intercambio entre as esferas visivel e invisivel se podia efetuar harmonicamente, não lhe dava razões a críticas acerbas, nem questões complicadas a fé. A espôsa devotada era médium falante e, criatura maravilhosamente equilibrada, sabia dividir as obrigações mediúnicas e familiares, demonstrando raro senso nas atribuições que Deus lhe conferira. Dona Silvana conhecia o lugar de cada pessoa e de cada cousa, na vida, e colocava os deveres de mãe acima de todas as situações terrestres. A vista disso, sua cooperação tornava-se preciosa, fosse onde fosse. No lar, distribuia afeto e carinho sem preferencias egoísticas; nas reuniões doutrinarias, dava a cada companheiro de ideal o que se tornava justo. Por isso mesmo, os benfeiteiros da espiritualidade encontravam-lhe no coração o campo reto, sem inclinações e sem abismos, onde se movimentavam confiantes na gloriosa tarefa da fraternidade e da luz.

Contudo, não acontecia o mesmo ao espôso. Felisberto esbanjava o tempo disponivel a criticar asperamente. Porque vivia ao lado de pequena máquina espirituista, cujas peças se contavam por cinco a seis pessoas e jamais encontrara dificuldade na sua movimentação, tornara-se inapto a compreender as grandes tarefas. Descuidoso e rebelde, vivia a deslustrar reputações e a

desanimar os fracos, impiedosamente. Tal disposição convertera-se-lhe em mania tão perigosa, que, mal regressava ao lar, após o serviço, lia o noticiário zelosamente, a-fim-de inteirar-se das notas escabrosas. Encontrado o pomo de maledicencia, corria ao companheiro mais proximo e comentava:

— Leu a notícia, Amarante?

— Que notícia, homem de Deus?

— Ontem o João Faria compareceu a polícia, para esclarecer o caso dos vinte contos.

Antes que o amigo se pronunciasse, Felisberto continuava de punhos cerrados e olhos vermelhos:

— Será isto ação de espírita? Sinto-me revoltado com o descaramento. Que cinismo! Quem o visse pregar o Evangelho dar-lhe-ia o nome de apóstolo. Passando eventualmente pelo grupo, em que esse tratante colabora, sempre fiz questão de me interromper, para vê-lo, carinhoso e solícito, diante dos necessitados e sofredores. Muita vez, tomei-o á conta de padrão comparativo. Não é de voltar os mais tolerantes?! Aqueles gestos de amparo fraternal constituiam capa imunda. Agora, temo-lo aqui retratado na galeria de gatunos. Não é isto infamia e desmoralização sobre todos nós?

— Sim — replicava Amarante prudentemente — o caso do Faria, sem dúvida, é chocante; merece porém, consideração especial. Quem sabe não será apenas vítima o pobre companheiro? Não são frequentes os terríveis enganos? A quantia desapareceu dentro da reparição. Ninguém surpreendeu o autor do delito. Alguns colegas o acusaram e o diretor julgou procedente a denúncia. João declarou-se isento de culpa, mas, nada obstante, foi demitido e convocado ao distrito policial. Este o quadro passível de exame aos nossos olhos faliáveis. Analisando-lhe, porém, a vida irrepreensível, quem não se compadecerá do acusado? Quem sabe não esteja ele suportando voluntariamente a culpa de outrem? Às vezes, onde nossos olhos suspeitam criminosos, Deus observa missionários de renúncia.

Maldonado perdia o entusiasmo ardente de acusador, mas objetava renitente:

Sem embargo da sua tolerância, mantendo cá o meu juizo.

E, incapaz de sentir a grandeza da espiritualidade oculta, rematava:

— Se Faria está sofrendo injustiças voluntariamente, então é porque prefere a mentira á verdade. Será condenável de qualquer modo. Antes de tudo é preciso viver ás claras.

Não obstante conselhos do plano espiritual e advertências de amigos generosos, não se cansava do odioso fermento de crítica e intolerância. Acusava sem reflexões, desabridamente.

Se encontrava associação doutrinária, sólidamente fundamentada, resistindo aos caprichos de companheiros invigilantes, adiantava-se desapiedado:

— Por que conservam tantos patrimônios em detrimento do bem? Não será falta grave reter tão grandes economias esquecendo comezinhos deveres de fraternidade? E' isso. Ouvem-se palavras harmoniosas, mas o coração permanece distante. São todos férteis no aconselhar, negativos no fazer.

Felisberto não se detinha a examinar expressões coletivas, ignorava a luta de velhos companheiros obolidados de responsabilidades e preocupações; não sabia que forças necessitavam encontrar por não traír deveres imensos, e longe de lhes estender mãos fraternas na colaboração justa, acusava-os de agiotas, velhacos, ne-gocistas.

Se algum amigo menos firme na fé lhe procurava os pareceres de homem experimentado, relativamente a um que outro companheiro estranho ao seu círculo pessoal, respondia sem hesitação:

— Aquele é sepulcro caiado. Não se iluda. De espirituista só tem a rotulagem, conheço-lhe a vida minuciosamente.

Por vezes, baseava tão áspero critério em mentirosas informações da leviandade popular.

Nas reuniões, ouvia conceitos evangélicos respeitosamente, mas o ensinamento sublime não lhe penetra-

trava o coração. Arquivava-o no cerebro, apenas, no proposito de exigir alheios testemunhos.

Tão desviada existencia terminou, como era natural, em reduzidissimo círculo de afeições. Felisberto desconheceria o código da amizade, esqueceria a cooperação fraterna, dissipara a força emotiva em acusações e críticas mordazes. Não edificara obra util e passara na Terra á maneira de alguém que sómente visse lama nos materiais construtivos, que a Providencia espalhou abundante nos caminhos da vida.

Decorrido algum tempo, reconhecendo o íntimo desejo da viuva generosa, o Instrutor espiritual do pequeno grupo anunciou que traria Maldonado na proxima sessão.

Prometeu e cumpriu. Contrariando, todavia, a ansiosa expectativa de todos, o visitante incorporou-se á médium mais joven, vibrando em soluções convulsivos. Não saudou a quem quer que fôsse, não se referiu á vida nova e apenas clamava de cortar o coração mais endurecido:

— Ai de mim! Quem me restituirá o equilibrio dos olhos?! Não vejo senão animais horrendos, casas de lama envolvidas em sombra!...

E após angustiados gemidos, perguntou:

— Quem sois vós que tendes garras em vez de mãos e mergulhais a cabeça entre espinhos?

Observando os benfeiteiros espirituais que D. Silvana chorava baixinho, retiraram-no imediatamente e, ante a perplexidade geral, o Mentor do círculo tomou a palavra e explicou paternalmente:

— Não vos admireis ante a dolorosa observação desta noite. Nossa Maldonado vem atravessando a prova justa de quantos se esqueceram de preservar a reflexão e a prudencia, que são igualmente dons sublimes, subordinados ao ministerio da vista espiritual. Ele que jamais quis contemplar o lado util e o aspecto louvável das pessoas e acontecimentos, colhe hoje os tristes resultados. Cada ser e cada cousa, nos planos de perfetibilidade em que nos encontramos, apresentam as facés de luz e sombra, á maneira dos lagos que ofere-

cem o espelho transparente e o leito escuro, de lodo. Felisberto resistiu aos nossos apelos e desdenhou dos amigos vigilantes e generosos. Gastou o tempo e fixou a experiecia nas zonas sombrias. E' natural que não surja á tona da vida eterna empunhando faróis. Passando longos anos, no fundo do lago, sempre calculando, definindo, medindo e pesando a lama, não poderia esquivar-se á furna sem a lama. E' por isso que ainda não recobrou a visão perfeita. Munido dos velhos oculos de lodo, vê espinhos onde ha dedos, garras em vez de mãos, e sombras onde ha bençãos de luz e sol.

A viuva bondosa enxugava o pranto copioso, até que o respeitável amigo sentenciou afetuosamente:

— Não chores, minha irmã. Lembre-se que a perturbação agrava os males e que a serenidade os resolve

E imprimindo singular acento ás palavras, afirmou ao desperdir-se:

— Sobretudo, que ninguem esqueça a lição preciosa de hoje. Quando Jesus revelou aos discípulos que a candeia do corpo são os olhos, destacava a importancia do nosso desenvolvimento espiritual, pelo modo de ver. Quem se detenha exclusivamente no mal, apaga a lampada e foge á colaboração com a vida; mas, quem vive pelo bem, embora se aproxime do mal, consegue transformá-lo em cousa util, porque encontrará possibilidades divinas em toda parte, cooperando com o Cristo para a luz eterna.

Em seguida á ultima observação, fez-se a préce de encerramento.

Os companheiros tinham os olhos molhados e, ao contrário do que se verificava em ocasiões identicas, ninguem se aventurou a comentários. Cada qual tomou o seu caminho em profundo silencio.